

A potência política da palavra-imagem Rocinha

Rodrigo Torquato da Silva

Apresento neste artigo algumas das múltiplas possibilidades de apropriações da palavra Rocinha, o que a torna uma palavra-potência para muitos usos políticos. O motivo que me levou a essa reflexão foi um fato que ocorreu no Pré-Vestibular Comunitário da Rocinha (um movimento social de educação popular, no qual realizei minha pesquisa de mestrado, composto por voluntários, onde atuei como coordenador pedagógico, usarei a sigla: PVCR, para me referir a ele). Um professor voluntário, certa vez, me procurou e disse que estava sofrendo pressões da família, em função de como a Rocinha estava sendo representada na mídia, àquela época. Dizia-me, que não entendia e nem conseguia explicar para sua família a experiência que vivia: as imagens mostradas na televisão e nos jornais anunciavam uma guerra na Rocinha e isso, distorcia a realidade das práticas cotidianas, que ele estava vivendo. Mesmo depois de muita conversa, o poder da representação midiática foi maior do que o poder de resistência, oriundo da observação do real. O professor não pode vir mais dar aulas no PVCR (sob a alegação de motivos pessoais) e a turma ficou sem professor.

Meu intuito aqui é reencontrar esses temas para tentar compreender melhor os enredamentos, destes, com a questão social que dá sentido a minha pesquisa, que é a questão da favela. Nesse sentido, busco na Antropologia Urbana, nos estudos no/do cotidiano e nas pesquisas sobre o uso das imagens, o apoio teórico-metodológico para o uso da fotografia e da observação “livre”, porém, não descompromissada com a rigorosidade política que o tema implica. Por isso, faço uma caminhada *flâneur* pelas ruas, becos e vielas da favela da Rocinha, capturando as cenas em que aparecem a palavra-imagem Rocinha. Visito, também, uma exposição de imagens, sobre a mesma favela, promovida



pela prefeitura do Rio de Janeiro, e, em seguida, faço algumas considerações.

A imagem ao lado mostra como a adjetivação proporciona um bônus para o indivíduo. Esse artista (*Charlys da Rocinha*) foi anunciado, durante uma semana, na maior emissora de televisão brasileira, como o cantor que estava vendendo mais disco do que Roberto Carlos, na Rocinha.

Já a imagem da matéria do jornal popular mostra um corpo sendo carregado por policiais e a inscrição do medo como um elemento fundamental na trama do espetáculo. Esta fotografia eu consegui quando perguntei a uma vizinha, que mantém um hábito matinal de leitura, sentada a porta da sua casa, se ela não teria um jornal que trouxesse a palavra Rocinha. Ela me deu este, que era do dia anterior a minha caminhada.

Penso que as ausências nos discursos midiáticos, das práticas daqueles que subvertem as ordens tirânicas impostas tanto pelos traficantes, quanto pelo Estado que se faz fascista aos mais pobres da cidade, não foi suficiente para aniquilar as ações como a experiência educativa dos Pré-vestibulares populares nas favelas e periferias (entre os



quais, destaco o Pré-Vestibular Comunitário da Rocinha - PVCR, com 12 anos de experiência em educação popular naquela que é considerada a maior favela da América Latina) como uma ação afirmativa que está, fundamentalmente, tecendo novas redes sociais (Mitchel, 1969). Redes

estas, que contribui não só para formação de professores, mas, principalmente, para a formação humana.

REFERÊNCIAS

- MITCHELL, J. C. The concept and use of social networks. *In: Social Networks in Urban Situations*. Manchester, Manchester University Press, 1969.

sobre o(a) autor(a):

Rodrigo Torquato é morador da Rocinha, Professor do Ensino Fundamental na Rede Municipal de Niterói. Mestre em Educação pela UERJ, membro do grupo de pesquisa "Redes de conhecimentos e práticas emancipatórias no cotidiano escolar" do Laboratório Educação & Imagem/ProPEd-UERJ. [torquatoprof@ig.com.br] 